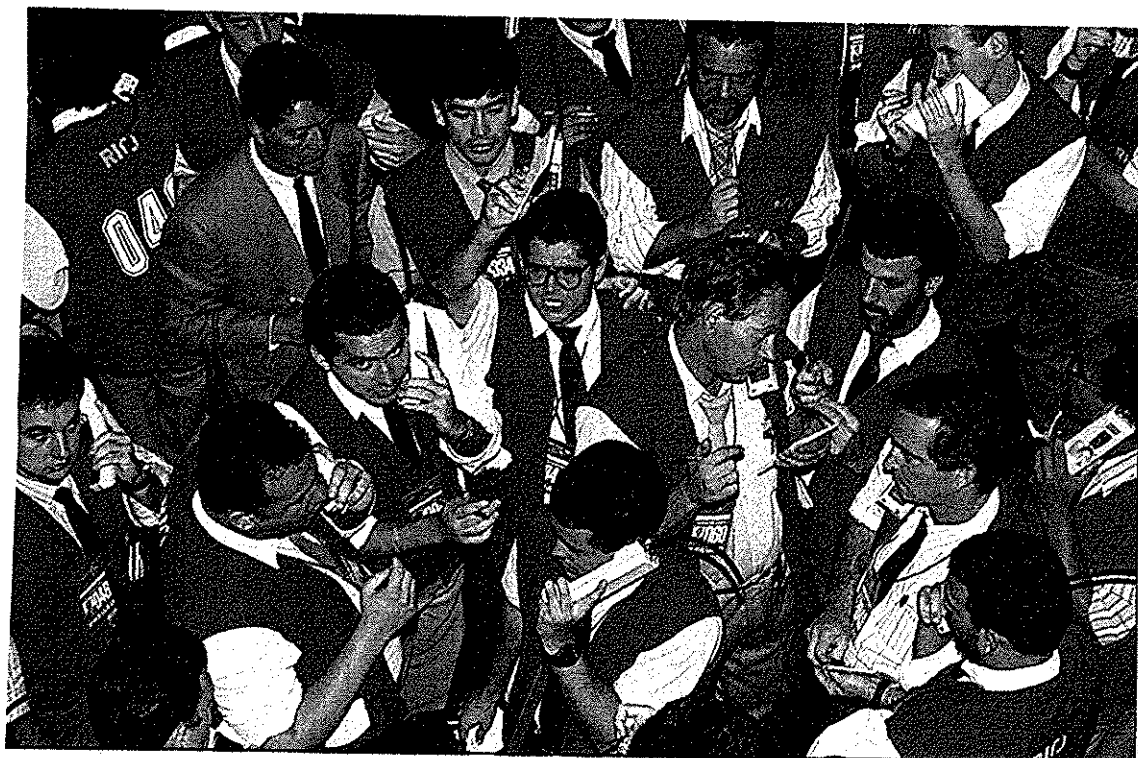




Bolsa do Rio: volume de negócios com a Vale está sob investigação

mundo queria dar seu palpite, calçado em um sem-número de argumentos irrefutáveis. Quando esse problema parecia ter sido superado, e aconteceu a concorrência das empresas que tinham interesse em avaliar a Vale para o leilão, surgiu novo bafafá. O BNDES preteriu o grupo de concorrentes que apresentava os preços mais atraentes, entre eles o banco Morgan Stanley. As últimas agitações foram provocadas pela mina de ouro paraense e pelas investigações da CVM.

INVESTIGAÇÃO

Mais turbulência na Vale

Suspeitas de manipulação no mercado de ações criam mais ruído no processo de privatização

Na semana passada a Comissão de Valores Mobiliários, CVM, que é o fiscal do mercado acionário brasileiro, dedicou-se a observar o que anda acontecendo com as ações da Companhia Vale do Rio Doce, a mais rentável e mais eficiente empresa estatal brasileira. A investigação foi deflagrada por uma forte boataria, dando conta de que várias corretoras haviam recheado suas carteiras com ações da Vale, antes do anúncio da descoberta pela empresa de uma mina de ouro no Pará, quinze dias atrás. Oficialmente, a CVM explica que sua investigação é rotineira, e que serve para manter o mercado sob controle. Mas o caso da Vale não é de rotina. A CVM montou um processo e está farejando qualquer coisa.

A desconfiança, despertada pela boataria, é de que, às vésperas do anúncio oficial da descoberta da mina, algumas empresas compraram muitas ações da Vale. Para provar esse movimento, a CVM precisa examinar os registros de mais de 150 000 transações. Depois, é preciso descobrir se alguém lucrou vendendo esses papéis logo depois do anúncio. Por fim, é preciso haver indícios firmes de que quem lucrou sabia da mina e do anúncio oficial da descoberta por algum informante privilegiado. Ainda não há provas de que alguém se tenha com-

portado mal no episódio da mina da Vale, mas a CVM só está começando seu trabalho, que foi iniciado em resposta aos boatos e não a fatos concretos.

BAFAFÁ — O burburinho da semana passada foi apenas mais um na história recente da Vale. Desde que estreou na lista das estatais privatizáveis, ela vem sendo acompanhada por uma turbulência mais ou menos forte, mas constante. Primeiro, houve um anúncio, meio sem querer, da chefe do processo de privatização do governo FHC, Elena Landau, de que a Vale seria mesmo privatizada. A informação era banal, mas o anúncio de Elena Landau foi seguido de desmentidos veementes, explicações e temporizações. Depois, veio a discussão interminável sobre se a Vale deveria ser vendida inteira ou aos pedaços. Todo

A privatização da Vale está marcada para outubro, quando será levado a leilão o primeiro lote de ações da empresa. No mercado não há nenhuma dúvida de que toda a turbulência que cerca a empresa é produto do interesse de algumas pessoas em tumultuar o processo de privatização. Quando se anunciou a descoberta da mina de ouro, por exemplo, ministros do governo se levantaram para dizer que a estatal não deveria mais ser vendida, ou que ela estaria valendo muito mais do que se imagina, o que não passa de uma bobagem.

Discussões e pressões sempre acontecem em processos de privatização — mesmo nos que envolvem empresas pequenas e quebradas. Não seria de esperar que a Vale passasse incólume por esse período e já se sabe que, até que o negócio seja fechado, ainda haverá muito barulho. O governo não tem nenhuma obrigação de privatizar a Vale. Ela é uma

boa empresa, que não pesa sobre os cofres públicos. Pode permanecer estatal. O problema é que ela está no programa oficial de privatização e há investidores se preparando — e inclusive gastando dinheiro — para entrar no processo de venda. Não é bom sinal que o governo permaneça em cima do muro, hesitante sobre a vantagem ou desvantagem de vender a Vale. ■

Carajás, da Vale: estatal eficiente e rentável

